

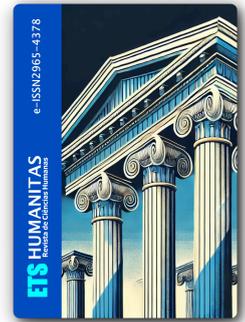
Artigo:

Transgressão, comunicação e sacrifício: um ensaio sobre Fonseca, Sade e Bataille

Transgression, communication, and sacrifice: an essay on Fonseca, Sade, and Bataille

Transgresión, comunicación y sacrificio: un ensayo sobre Fonseca, Sade y Bataille

RIBEIRO FILHO, F.A.



Francisco Atualpa Ribeiro Filho

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí; Licenciado em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Bacharel em Administração Pública pela Universidade Estadual do Piauí. Especialização em: Docência do Ensino Superior (UNOPAR); Gestão Pública Municipal (UESPI); Gestão Educacional em Rede EaD (UFPI); Atualmente é orientador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da FCP e professor efetivo da SEDUC-CE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1491096614911103>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2256-4336> E-mail: farf25@gmail.com.

Resumo

Este ensaio examina as obras de Fonseca, Sade e Bataille, explorando como seus escritos podem ser vistos por diferentes perspectivas. A influência de Nietzsche na teoria de Bataille sobre as origens dos juízos de valor e a necessidade do mal na comunicação autêntica é notável. Nietzsche propôs que a moralidade é uma invenção para garantir a sobrevivência e que os conceitos de bem e mal são construções humanas condicionadas pelas contingências do mundo. O estudo analisa como as obras sadeanas desafiam normas morais e religiosas, apresentando personagens cativantes que buscam prazer através do crime e da transgressão. Nas narrativas, é evidente a mecânica libertina que representa o desejo humano por uma comunicação autêntica e sem restrições. O ensaio debate a relação entre a ação humana, o erotismo e o sacrifício, a partir das reflexões de Bataille. Este afirma que a comunicação entre os seres humanos depende do sacrifício, pois é a colocação do ser em jogo no limite da morte. Examinando exemplos de sacrifício nas obras analisadas, como o assassinato de Pedro e Daniel no conto “74 Degraus” de Fonseca, o texto enfatiza como esses atos violentos são motivados pelo desejo de comunicação e pela busca por êxtase. Por fim, o ensaio conclui que a busca pela comunicação autêntica e pelo êxtase pode levar os seres humanos a transgredirem normas sociais e morais. Bataille prefere que os indivíduos construam uma empatia transgressora que permite a exploração dos limites da experiência humana, ao invés de viverem em conformidade com uma verdade absoluta.

Palavras-chaves: Fonseca. Bataille. Sade. Transgressão.

Ets Humanitas

Revista de Ciências Humanas

Eáucare et Sabere

e-ISSN: 2965-4378

Periodicidade: Fluxo Contínuo

n.3, v.2, 2024

URL: <https://esabere.com/index.php/ehumanitas>



Esta obra está sob Licença Internacional Creative Commons 4.0.
Copyright (c) do(s) Autor(es)

Abstract

This essay examines the works of Fonseca, Sade, and Bataille, exploring how their writings can be seen by different types of readers. The influence of Nietzsche on Bataille's theory about the origins of value judgments and the necessity of evil in authentic communication is notable. Nietzsche proposed that morality is an invention to ensure survival and that the concepts of good and evil are human constructions conditioned by the contingencies of the world. The study analyzes how Sadean works challenge moral and religious norms, presenting captivating characters who seek pleasure through crime and transgression. In the narratives, the libertine mechanics that represent human desire for authentic and unrestricted communication are evident. The essay debates the relationship between human action, eroticism, and sacrifice, based on Bataille's reflections. Bataille asserts that communication among human beings depends on sacrifice, as it involves putting one's being at stake on the brink of death. Examining examples of sacrifice in the analyzed works, such as the murder of Pedro and Daniel in Fonseca's short story "74 Steps," the text emphasizes how these violent acts are motivated by the desire for communication and the pursuit of ecstasy. Finally, the essay concludes that the quest for authentic communication and ecstasy can lead humans to transgress social and moral norms. Bataille prefers individuals to build a transgressive empathy that allows the exploration of the limits of human experience, rather than living in conformity with an absolute truth.

Keywords: Fonseca. Bataille. Sade. Transgression.

Resumen

Este ensayo examina las obras de Fonseca, Sade y Bataille, explorando cómo sus escritos pueden ser vistos por diferentes tipos de lectores. Es notable la influencia de Nietzsche en la teoría de Bataille sobre los orígenes de los juicios de valor y la necesidad del mal en la comunicación auténtica. Nietzsche propuso que la moral es una invención para asegurar la supervivencia y que los conceptos de bien y mal son construcciones humanas condicionadas por las contingencias del mundo. El estudio analiza cómo las obras de Sadean desafían las normas morales y religiosas, presentando personajes cautivadores que buscan el placer a través del crimen y la transgresión. En las narrativas son evidentes las mecánicas libertinas que representan el deseo humano de una comunicación auténtica y sin restricciones. El ensayo debate la relación entre acción humana, erotismo y sacrificio, a partir de las reflexiones de Bataille. Bataille afirma que la comunicación entre los seres humanos depende del sacrificio, ya que implica poner en juego el propio ser al borde de la muerte. Al examinar ejemplos de sacrificio en las obras analizadas, como el asesinato de Pedro y Daniel en el cuento "74 pasos" de Fonseca, el texto enfatiza cómo estos actos violentos están motivados por el deseo de comunicación y la búsqueda del éxtasis. Finalmente, el ensayo concluye que la búsqueda de una comunicación auténtica y del éxtasis puede llevar a los humanos a transgredir las normas sociales y morales. Bataille prefiere que los individuos construyan una empatía transgresora que permita explorar los límites de la experiencia humana, en lugar de vivir conforme a una verdad absoluta.

Palabras clave: Fonseca. Bataille. Salud. Transgresión.

INTRODUÇÃO

Um leitor razoável, normal e ansioso pode encarar o livro “Cento e vinte dias em Sodoma” (2015) como rasteiro ou fruto de devaneios violentos que instigam ao crime. Dessa maneira, os escritos sadeanos escancaravam “limites opostos à raiva voluptuosa. Devia, nessa via, atacar o universo, a natureza e tudo o que se opunha à soberania de suas paixões” (Bataille, 2017, p. 218). “Cento e vinte dias” (2015) tece seus personagens como seres aviltantes, hostis, seres que necessitavam do mal para sobreviver como na descrição de Desgranges, cuja menção ao assassinato é apenas um adereço, os berros representam frescor aos seus ouvidos, acalento à alma sedenta de gozo:

Um malvado com homens e mulheres usam outro pó cujo efeito é tornar sem sentido e morto. Eles acreditam que o sujeito está morto, eles o enterram e ele morre desesperado dentro de seu caixão quando, mal enterrado, ele recupera a consciência. O maligno tenta entrar no local da sepultura para ver se ouve alguns gritos; se ele os ouvir, ele desmaia de prazer. Ele matou uma parte de sua família dessa maneira^[1] (Sade, 2015, p. 452).

Haja vista a influência nietzschiana na teoria de Bataille cabe apresentar a investigação de Friedrich Nietzsche (1844-1900) em “Genealogia da moral” de 1887 sobre as origens dos juízos de valor – bom e mau – possibilita o entendimento da necessidade do mal e sua comunicação autêntica. Senhores e escravos foram as polaridades que Nietzsche descobriu durante o percurso histórico para esclarecer a obsessão que o homem tem de se autoafirmar em valores predeterminados ou em valores imutáveis que por sua vez foram criados em um dado tempo e espaço em benefício de uma

pessoa ou grupo de pessoas. Decorre disso a cisão entre civilizados (bons, senhores) e os bárbaros (ruins, maus, escravos).

Dado a expulsão do paraíso, o indivíduo, abandonou sua ingenuidade próprias da criança para lançar-se ao mundo adulto, sendo que agora deveria inventar leis para garantir sua sobrevivência. Edimilson Paschoal (2008, p. 48) argumenta em seu artigo “Nietzsche e Bataille: em torno da questão do “Mal” que para “o Nietzsche adulto, não existe um conceito de bem e mal anterior às contingências do mundo, que poderia ser tomado como um pressuposto para avaliar todas as coisas e todas as ações humanas. Por decorrência, interessa a ele conhecer ‘bem’ e ‘mal’ como produtos de uma criatura”, uma vez que diante da impossibilidade de possuir e habitar a terra prometida ele “se submete a pressupostos que inventa”.

Devido sua domesticação, que constitui “o sentido de toda cultura”, o homem foi reduzido “a um animal manso e civilizado, *doméstico*, então deveríamos sem dúvida tomar aqueles instintos de reação e ressentimento, com cujo auxílio foram finalmente liquidadas e vencidas as estirpes nobres e os seus ideais, como autênticos *instrumentos da cultura*”. A escoria, os instintos mais perversos significam para o homem de cultura uma ameaça ao “‘homem manso’, o incuravelmente medíocre e insosso” (Nietzsche, 2009, p. 30-31, *grifo do autor*).

Por isso, que “é bagunçando – pela violência – esse encadeamento, que voltamos, numa direção oposta, à efusão excessiva, e ininteligível, do erotismo. Assim, há em nós uma fulguração soberana, que temos em geral pelo que há de mais desejável, que furta à consciência clara” (Bataille, 2017a, p. 220). A invenção dos valores e a instituição de conceitos como bom e mal, confiança e desconfiança, estão condicionadas as situações da vida. Sempre haverá alguém para dizer o que é certo e errado, seja o padre, o pastor, professores, amigos. Porém, mesmo que essas pessoas digam ou até mesmo

ordenem à prática de determinada ação boa para si que conseqüentemente tornar-se-á boa para outrem, o homem tenderá suas ações à perversão. Mulheres e homens mercantilizaram suas relações, conferindo status utensiliar.

Os escritos sadeanos refletem como os seres se comportam sem interdições, apresenta um raio x do que desejavam fazer, mas eram coagidos e castrados pela moral cristã a serem o que não gostariam de ser. Ao agredir o outro, o ser, agride também em grande medida os libertinos que suplantaram a natureza. Todavia, não arremedam seu estilo de vida para quem decidiu fazer parte do mundo das coisas e possuem metas atingíveis, objetivos que se distanciam dos preceitos sadeanos de viver. Beauvoir por sua vez interage com esses escritos e elucida que as temáticas abordadas são denúncias que retratam o que o ser humano performa na alcova. Desse modo, é preciso se deixar possuir pela energia contextual dos escritos e tentar eliminar as impressões rasteiras. Nas palavras de Beauvoir (1961, p. 19):

Para ler Sade é necessário desmunicar de impressões que tornam esses textos aberrações e objeto de perseguição. Quando o homicídio se torna constitucional, passa a ser apenas a odiosa expressão de princípios abstratos: torna-se desumano. O “mal” de que ele fizera seu refúgio desvanece-se quando o crime é reivindicado pela virtude; o Terror, que é exercido em sã consciência, constitui a mais radical negação do mundo demoníaco de Sade. Não é apenas porque Sade está velho, gasto, que sua sexualidade adormeceu; a guilhotina assassinou a negra poesia do erotismo; para deleitar-se em humilhar a carne, exaltá-la, era preciso valorizá-la; ela não tem mais sentido nem valor quando os homens podem ser tranquilamente tratados como coisas.

A autora sugere que ao tornar o assassinato institucionalizado no contexto da Revolução Francesa (1789) denominado de “o Terror” isso

transforma o homicídio em uma “odiosa expressão de princípios abstratos: torna-se desumano”, tornando o ato de matar banal. Esse cenário de legalização da morte mutila a sacralidade da obra de Sade o que implica no sepultamento dessas chaves temáticas por meio da máquina estatal. Beauvoir postula que a violência legitimada e institucionalizada pelo Estado (como durante o Terror) desumaniza e banaliza o mal, obliterando a perversidade pessoal que Sade analisava em seus tratados. A essência do mal e do erotismo em Sade residia no valor da carne e na individualidade humana. Ao reduzir esses elementos através do tratamento impessoal e institucionalizado da violência, a “negra poesia” do erotismo de Sade também se desvanece.

Vale ponderar que a dinâmica libertina pode ser percebida no conto – “O campeonato” –, pois foi preciso usar um produto dado à consciência como o cálculo, a medida, o tempo para que a violência pudesse ser apreendida. Obedecendo a regulamentos, uma plateia seleta, assistia e apostava no seu preferido. O árbitro, Ursinho Meireles, descreveu as medidas das parceiras de Palor ao todo eram quinze e com alegria o público aplaudia o cânter das fêmeas. Vibração e entusiasmo traduziam a emoção dos competidores, não mediam esforços para satisfazer a plateia ensandecida e atingir, assim, sua a vitória. Após breve instante de reflexão, Palor disse: “Você entende que todos os campeonatos buscam apenas preservar a nossa natureza animal? Não podemos deixar de ser um animal. Não somos um inseto! Somos um animal! Ouviram, apostadores? acordem, apostadores! Nós somos animais!” (Fonseca, 2012, p. 63).

As imagens escatológicas de Sade e Bataille escoam no imaginário do leitor e podem ser aludidas quando Fonseca o faz utilizando termos que implicam a elevação racional desse cenário como no “campeonato de conjuração carnal” entre Mauriçõ Chango e Miro Palor (Fonseca, 2012, p.

59) do tamanho do pênis à quantidade das comidas exóticas e afrodisíacas, compõem a tentativa e similaridade com os autores em manifestar à consciência que “o erotismo difere da sexualidade animal na medida em que imagens apreensíveis se destacam, para um homem excitado, com a clareza distinta das coisas; erotismo é atividade de um ser consciente” (Bataille, 2017a, p. 221). Essa diferença é caracterizada pela capacidade humana de atribuir significados e símbolos para experiências sexuais, que vai além das capacidades animais. Os significados das fantasias, rituais e objetos de desejo estão distintos da experiência erótica da mera sexualidade animal e/ou maçante dos cenários pornográficos. Em uma forma de arte e expressão pessoal, os elementos eróticos refletem as emoções, os desejos e as complexidades psicológicas do indivíduo.

O erotismo é visto por ambos os autores, assim como por Bataille, onde o prazer está vinculado à mente e às construções culturais e pessoais, desafiando a trama das teorias racionalistas ‘higienizadoras’. Assim, um dos atributos que os seres humanos se afastam dos outros animais foi a capacidade de conferir significado a sexualidade e sua relação com o erotismo, incluindo todos seus simbolismos. Para Bataille, essa distinção não apenas valoriza a transição sexual, mas também a coloca no campo da arte e da filosofia, onde os sentidos podem ser discutidos. Diante disso, Nietzsche auxilia no processo de entendimento dessa questão na obra “Assim falou Zaratustra” de 1883, tendo como justificativa para seus crimes a criação de leis, assegurando assim, sua reserva e superioridade frente a todos os animais. Decerto que...

[...] foi com tragédias, touradas e crucificações que até agora ele se sentiu melhor na terra; e, quando inventou o inferno, este foi seu céu na terra. Quando o grande homem grita, —: logo o pequeno homem vem correndo; e tem a língua fora da

boca, de concupiscência. Mas a isso ele chama de sua 'compaixão' (Nietzsche, 2018, p. 209).

Contra a moral de rebanho, apologista de um homem totalmente emancipado e inteiro, o perspectivismo nietzschiano pontua que a selvageria passou a ter caráter permissivo. Pois, “em princípio, a nudez é uma maneira de ser irregular; ora, ela atua no plano do prazer sem que intervenha uma destruição real (notemos que a nudez não atua se for regular: no consultório de um médico, num campo de nudistas)”. Diante disso, a obra de Sade e, por conseguinte a de Fonseca “introduz *irregularidades* escandalosas” à consciência do homem normal, do cidadão ‘civilizado’ (Bataille, 2017a, p. 222, *grifo do autor*).

Desde que Nietzsche denunciou incondicionalmente a elevação do homem a qualquer posição de servidão seja moral ou religiosa, é impossível pregar ou agir. O resultado é desconcertante. Em consequência disso, “queimar sem responder a qualquer obrigação moral expressa em tom de drama é decerto um paradoxo. Não podendo ser remetida a qualquer enriquecimento, como a força e o esplendor de uma cidade” ou de um Deus onipresente, tal proposta “nem sequer é ininteligível” (Bataille, 2017c, p. 22).

Ao abandonar Deus e o bem, Nietzsche na visão batailliana, falou ao deserto. Isto ocorreu, devido a sociedade inspirar a sufocante parte maldita que é a reverberação racional, o reflexo de pensamentos (irracionais) em ações como normas arbitrárias e liberais que condena o sujeito às malhas capitalistas. Porém, Bataille (2017c, p. 23) esclarece que apesar de haver uma busca agressiva por autonomia e liberdade, “a ruptura com as entidades morais confere ao ar respirado uma verdade tão grande que eu preferiria viver como inválido ou morrer a recair na servidão”. Tal posição

assemelha-se às comunicações escatológicas de Fonseca e Sade, haja vista a quebra de paradigmas que ambos promoveram ao elevar à racionalidade as formas perversas de agir que imaginamos entre a fluidez dos pensamentos.

Para Bataille, antes de tudo, Nietzsche é um “filósofo do mal”, que se deixou atrair pelo valor do mal, isto é, foi contra a tudo aquilo que inspirava uma meta, uma vontade de querer possuir o bem, sua repulsa por qualquer forma de bondade, torna-se o *leitmotiv* à liberdade: “é que o mal é o contrário da obrigação, que se exerce, ela, em princípio, visando a um bem. O mal não é decerto o que uma série de mal-entendidos quis fazer dele: no fundo, ele não é uma liberdade concreta, a obscura ruptura de um tabu?” (Bataille, 2017c, p. 26). Essa concepção de mal como uma fissura libertadora propaga com a percepção de Sade, que vislumbra a perversidade e o erotismo como nuances essenciais da natureza humana, enfrentando as correntes impostas pela sociedade.

A “negra poesia” do erotismo sadeano, diante do exposto por Beauvior, habita na individualidade humana e no valor da carne. Ao minimizar esses elementos por meio do trato impessoal e institucionalizado da agressividade, o âmago do erotismo de Sade desbota, relacionando-se à maneira como Bataille enxerga o mal como uma forma transgressiva das normas sociais. Embora Fonseca explore a maldade em um contexto urbano contemporâneo isso não impossibilita a aproximação, tendo em vista que a imagens que os autores elaboraram retratam a brutalidade e a corrupção da sociedade. Suas descrições demonstram como o mal é atemporal e se manifesta nas mais variadas formas desde a degradação moral nos escritos de Fonseca aos prazeres sanguinários de Sade.

Destacando a desumanização resultante de uma violência institucionalizada e legitimizada, Fonseca transmite o mal através de personagens complexos e situações extremas. Tanto Sade como Fonseca

tratam do mal como um tipo de ruptura das normas sociais, cada uma dessas transgressões analisando aspectos variados. Para Fonseca, a violência e a corrupção institucionalizadas desumanizam e destroem a individualidade, transmitindo o mal a um cenário contemporâneo, enquanto Bataille e Sade veem no mal uma possibilidade de liberdade e uma crítica à moralidade convencional.

O leitor ao se deparar com as narrativas de Fonseca e Sade imerso em uma atmosfera violenta que o faz experimentar cenários ora vulcânicos ora lentamente angustiantes. O que é importante nessas imagens literárias consiste mais do que sentimentos, mas uma experiência interior que proporciona um estado de espírito dilacerante. Esse estado deve ser entendido como um sacrifício, onde o leitor passa a ter uma experiência de suplicio com os escritos, ou seja, ao imergir nos textos o leitor tende a se deixar sacrificar pela imaginação que tais textos proporcionam. O mal-estar, angústia, asco, raiva, boca seca, nojo, o franzir a testa, o arrepiar-se e a sensação de desconforto físico e emocional se intensifica conforme o leitor se entrega às narrativas. Esses autores desafiam os limites da imaginação e da moralidade, levando o leitor a confrontar aspectos sombrios da natureza humana. É uma jornada tortuosa, onde cada palavra parece arrancar uma reação visceral, transformando a leitura em uma experiência quase física de tormento e êxtase literário.

REFERÊNCIAS

SADE, Marquês de. **120 días em Sodoma**. Tradução Maurice Millet. 3ª seccìon México: Editorial Lectorum, 2015.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017a.

_____. **A experiência interior:** seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016a. Suma ateológica v. I.

_____. **Sobre Nietzsche:** vontade de chance: seguido de Memorandum. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017c. Suma ateológica v. III.

Notas:

[1] Um malvado com los hombres y com las mujeres emplea outro polvo cuyo efecto es el de dejar sin sentido y como muerto. Creen muerto al sujeto, lo entierran, y muere desesperado dentro de su ataúd cuando, apenas enterrado, recobra el conocimiento. El malvado procura entrarse sobre el lugar de la tumba para ver si oye algunos gritos; si los oye, se desmaya de placer. Ha hecho morir de este modo a una parte de su familia (SADE, 2015, p. 452).